

# **EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO COLÉGIO PEDRO II: PERFIL DISCENTE NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Izabel Cristina de Souza - PUC-Rio e UFRJ - [izabel.souza.rj@gmail.com](mailto:izabel.souza.rj@gmail.com)

## **Introdução**

A escolarização de pessoas com deficiência tem sido permeada pela concepção inclusiva na garantia do atendimento do direito à educação de todas as pessoas e está expressa em documentos internacionais como a Declaração de Salamanca de 1996 e a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência de 2006; e nacionais como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva de 2008 e a Lei nº 13.146 de 2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão.

Nas redes públicas municipais e estaduais, o ingresso de estudantes precisa contemplar toda a população. No caso da rede federal de educação, formada por instituições de ensino reconhecidas como de excelência, ainda há mecanismos específicos para a seleção dos estudantes como sorteio de vagas e/ou provas, já que a procura ultrapassa o número de vagas oferecidas. As instituições federais de educação têm elaborado estratégias de democratização do acesso, pautadas na Lei nº 12.711 de 2012, conhecida como Lei de Cotas, que abrange diferentes grupos minoritários. Os estudantes com deficiência passaram a ser contemplados pela reserva de vagas a partir da Lei nº 13.409 de 2016.

O Colégio Pedro II, instituição presente no estado do Rio de Janeiro com diversos *campi*, é uma das que compõem a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica desde 2008 e tem implementado a reserva de 5% das vagas para estudantes público-alvo da educação especial nas várias etapas de escolaridade.

O objetivo deste trabalho é apresentar uma reflexão sobre o perfil discente dos anos finais do ensino fundamental do Colégio Pedro II. A metodologia, de abordagem qualitativa, se deu através de análise documental. Para isso, explorou-se a base de dados do Censo Escolar de 2023 e do site institucional “CPII em Números”. A pesquisa em questão está relacionada a um projeto de tese em andamento.

O referencial teórico que subsidia a discussão é do campo da educação especial e inclusiva. Tal escolha teórica se pauta na defesa da educação especial como campo de

produção de conhecimento interdisciplinar e não somente uma modalidade transversal colaborativa à educação (Pletsch, 2020; Pletsch e Mendes, 2024). Entendemos que, para a garantia da educação inclusiva, é necessário combinar três aspectos: reconhecimento da diferença como algo que faz parte do humano, as especificidades que se apresentam na trajetória de desenvolvimento das pessoas, e a convivência com a diversidade cultural nos espaços educativos com todos e para todos (Pletsch, 2020).

## Desenvolvimento

No âmbito nacional, diversos estudos (Kassar e Rebelo, 2018; Mendes, 2019; Pletsch e Mendes, 2024) indicam o aumento das matrículas de estudantes público-alvo da educação especial (pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação) ao longo dos anos. Inclusive, esse dado é apresentado no texto da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Segundo o Censo Escolar de 2023, havia 47.304.632 estudantes matriculados na educação básica em geral e 1.771.430 matriculados como público-alvo da educação especial. Desse quantitativo de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, apenas 0,5% está na rede federal de educação (INEP, 2023).

Há 6 *campi* do Colégio Pedro II que atendem aos estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental: Centro, Engenho Novo II, Humaitá II, Realengo II, São Cristóvão II e Tijuca II. Juntas, essas unidades têm um total de 3600 matrículas, das quais 107 apresentam necessidades específicas (2,8%) (Colégio Pedro II, 2024). Analisando os dados do Censo Escolar de 2023 em relação ao Brasil e ao estado do Rio de Janeiro, onde o Colégio Pedro II se localiza, observa-se uma situação não muito diferente com a da instituição pesquisada: no Brasil, a proporção de matrículas da educação especial é de 3,7% e a do estado do Rio de Janeiro é de 3,2% (INEP, 2023).

Em relação ao tipo de necessidade específica, a distribuição acontece da seguinte forma: 39,3% cegueira, 38,3% autismo, 11,2% deficiência intelectual, 3,7% deficiência física, 1,9% baixa visão, 1,9% altas habilidades/superdotação, 1,9% surdez severa, 0,9% surdez moderada e 0,9% deficiência múltipla (Colégio Pedro II, 2024). O perfil discente quanto ao tipo de deficiência difere parcialmente do que é observado no contexto

nacional, no qual a condição mais prevalente entre os estudantes é a deficiência intelectual (46,8%), seguido por autismo (31,2%) e deficiência física (8%) (INEP, 2023).

É interessante observar que a cegueira, mais prevalente entre os estudantes com deficiência dos anos finais no Colégio Pedro II, apresenta uma prevalência a nível nacional de apenas 0,4% entre os estudantes da educação básica (INEP, 2023). Tal discrepância requer uma análise específica para compreender as possíveis razões. Apesar de haver a possibilidade de atendimento especial na prova de ingresso à escola, é necessário investigar se os tipos de suporte oferecidos na realização da prova de seleção realmente garantem condições de acesso a todos os estudantes com suas diversas especificidades. Também requer investigar os recursos de acessibilidade para o corpo discente.

Paiva (2024), em consonância com os pressupostos teóricos da interseccionalidade, discute sobre os efeitos de marcadores sociais como gênero, pobreza e raça no aprofundamento das desigualdades vividas pelos estudantes com deficiência, em contraste aos estudantes sem deficiência. A partir dessa consideração, fizemos uma análise dos fatores gênero, cor/raça e renda familiar no Colégio Pedro II.

Quanto ao sexo biológico, nomenclatura utilizada nos dados institucionais, 76,6% dos estudantes com deficiência do 6º ao 9º ano no Colégio Pedro II são do sexo masculino e 23,4% são do sexo feminino. Paiva (2024) encontrou resultado semelhante ao analisar os dados de municípios da baixada fluminense, mas sinaliza que esses achados são distintos aos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que apontam maior presença de mulheres dentre as pessoas com deficiência. Sobre a cor/raça, a maioria dos estudantes público-alvo da educação especial do 6º ao 9º ano são brancos (54,2%) (Colégio Pedro II, 2024). Dentre os demais, 29,9% são pardos, 11,2% são pretos e 4,7% não forneceram essa informação (Colégio Pedro II, 2024). Os dados de cor/raça podem indicar que, apesar da democratização em curso, a escola ainda tem maioria branca de estudantes com deficiência, o que difere dos achados de Paiva (2024).

Em relação à renda familiar, o maior percentual se encontra na faixa mais alta (mais de 3,5 salários mínimos), contemplando 29% dos estudantes com deficiência nos 6 *campi* de anos finais do ensino fundamental. Os demais percentuais foram de 22,4% (1 a 1,5 salários mínimos), 10,3% (entre 0,5 a 1 salário mínimo) e 7,5% (entre 1,5 a 2,5 salários mínimos e entre 2,5 a 3,5 salários mínimos) (Colégio Pedro II, 2024). Destaca-

se também um considerável percentual de estudantes cuja renda familiar não foi declarada: 18,7%. (Colégio Pedro II, 2024) Com essa ausência de respostas, não é possível entender se a variável realmente é representativa da realidade dos estudantes e isso se torna uma limitação para a análise aqui realizada. Ainda assim, os dados elencados indicam um possível contexto de desigualdades econômicas entre esses estudantes a ser investigada.

## Conclusões

À guisa de conclusão, consideramos importante construir um debate sobre o perfil discente do público-alvo da educação especial no ensino fundamental 2, considerando outros marcadores sociais como raça e gênero, pois assim coadunamos com as discussões atuais da educação especial.

Pletsch e Mendes (2024) destacam a necessidade de complexificar as análises empreendidas sobre inclusão no Brasil, dando luz à temas como raça, gênero, classe social, pobreza, desigualdade e equidade, que ainda têm se mostrado muito ausentes nas pesquisas. Elas defendem a importância de “compreender como as desigualdades sociais afetam os sujeitos com deficiência e as suas condições de desenvolvimento”.

Assim, as investigações sobre o perfil dos estudantes podem elucidar aspectos essenciais sobre as desigualdades vividas pelas pessoas com deficiência, principalmente em instituições historicamente elitizadas e de prestígio social como o Colégio Pedro II. Desta forma, indicamos a realização de estudos mais aprofundados.

## Referências

- COLÉGIO PEDRO II. **CPII em Números**. Disponível em: <[https://lookerstudio.google.com/reporting/cbcc79cb-5184-4176-a2d7-af1c94894f2f/page/p\\_8ra2169wkd](https://lookerstudio.google.com/reporting/cbcc79cb-5184-4176-a2d7-af1c94894f2f/page/p_8ra2169wkd)>. Rio de Janeiro: SIAAC, 2024. Acesso em: 22 jan. 2025.
- INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Microdados do Censo escolar de 2023**. Brasília: INEP, 2023.
- KASSAR, M. de C. M.; REBELO, A. S. Abordagens da educação especial no Brasil entre final do século XX e início do século XXI. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 24, Edição Especial, p. 51-68, 2018.

MENDES, E. G. A política de educação inclusiva e o futuro das instituições especializadas no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 27, n. 22, p. 1-27, 2019.

Paiva, C. de. **Concepções de gestores sobre a interseccionalidade nas políticas locais de educação inclusiva**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ, Seropédica/Nova Iguaçu, 2024.

PLESTCH, M. D. O que há de especial na educação especial brasileira? **Revista Momento: diálogos em educação**, v. 29, n. 1, p. 57-70, 2020.

PLETSCH, M. D.; MENDES, G. M. L. Cartografias da educação inclusiva na educação especial: produção científica, políticas e práticas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v. 30, p. 1-18, 2024.